

## Painel / Linha temática 02

Cidades, Culturas e Sustentabilidades: políticas e públicos



### Mesa 2.2

## "Sustentabilidades e Políticas Ambientais"

**Investigadora Convidada/Comentadora**

Lúcia de Oliveira Fernandes<sup>1</sup>

**Moderador**

Eber Quiñonez<sup>2</sup>

**Coordenação**

Carolina Gontijo Lopes

Data: 6 de dezembro, 1ª sessão

### Oradores e Comunicações

Nº	Nome completo	Email	Título da comunicação	Instituição
23	Maria do Socorro Veloso de Albuquerque; Tereza Maciel Lyra; Anselmo Cesar Bezerra	soveloso@oi.com.br	Polos de desenvolvimento, grupos socioproductivos comunitários e sustentabilidade: o caso de Goiana Pernambuco-Brasil	Universidade Federal de Pernambuco; Fiocruz; IFPE
123	Rui Gonçalo Maia Rego	ruimaiarego@gmail.com	Na acção o futuro pode interferir com o presente? A prudência como condição da razão prática no pensamento de Thomas Nagel	Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras
82	Joana Rita Martins Ventura do Santos Costa	joanaventuracosta@gmail.com	À Margem. Rios e competitividade urbana global: a perspectiva do Mondego.	Universidade de Coimbra/CES/FEUC

### Resumos

<sup>1</sup> Pós-Doutoranda em Direito Constitucional e Administrativo do Ambiente, na Universidade de Lisboa. Mestre em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 1996), na Linha de Pesquisa Instituições Jurídico-Políticas, e Doutora em Direito (UFSC, 2002), Área de Concentração Direito, Estado e Sociedade, na Linha de Pesquisa Constituição, Cidadania e Direitos Humanos -, com um ano de pesquisas desenvolvidas na Universidad Complutense de Madrid e na Sapienza de Roma (Doutorado Sanduíche, 1999). Vencedora do Prêmio Ethos/Valor de Responsabilidade Social Empresarial e Sustentabilidade, edição 2008. Professora do Mestrado Acadêmico em Direito, Democracia e Sustentabilidade (IMED) e na Universidade Federal do Tocantins.

<sup>2</sup> (foi pedido)

## **Polos de desenvolvimento, grupos socioprodutivos comunitários e sustentabilidade: o caso de Goiana-Pernambuco-Brasil**

---

O município de Goiana, marcado por problemas decorrentes do predomínio do latifúndio e da monocultura da cana de açúcar, vem nos últimos anos compondo a “Nova Região de Desenvolvimento Econômico do Estado de Pernambuco/Brasil”, com a implantação do pólo de indústrias farmacoquímicas e automobilísticas. Analisou-se como os grupos socioprodutivos comunitários da cultura, artesanato, pesca artesanal e agricultura familiar percebem o atual “desenvolvimento” e problematizam suas demandas. Métodos: abordagem qualitativa com a realização de quatro grupos focais, pesquisa documental. Resultados: os achados apontam que os grupos socioprodutivos comunitários preocupam-se com os impactos negativos que os grandes empreendimentos têm ou podem provocar: [...] “é preciso exigir o respeito às diversidades culturais, raciais e étnicas nos espaços públicos e privados do município. [...] O rápido crescimento econômico do município pode levar ao esvaziamento dos grupos culturais, principalmente quando se tem um baixo investimento público para a cultura”. Para tais grupos é preciso reestruturar o Conselho Municipal de Cultura e democratizar o orçamento; garantir a fiscalização ambiental pelo poder público; atualizar o Plano Diretor de Goiana com a participação da sociedade civil organizada para regular o uso e ocupação do solo; garantir o território estratégico da Pesca artesanal; ampliar o acesso à rede de energia, ao saneamento, ao crédito, a assistência técnica e aos meios para melhor escoar a produção. Os grupos reconhecem a fragilidade dos mecanismos de articulação política entre os mesmos, no sentido do enfrentamento coletivo de problemas comuns.

Conclui-se que políticas públicas na região têm se voltado para a implantação da infraestrutura necessária para a reprodução do capital, com poucos investimentos voltados para a população em geral e para os grupos tradicionais (comunidades quilombolas, pescadores, agricultores familiares, artísticas e artesões). O Estado tem investido de forma incipiente na regulação da atuação das empresas no âmbito da responsabilidade socioambiental que lhes compete.

---

**Palavras-chave:** desenvolvimento, políticas públicas, sustentabilidade.

---

3 Doutora em Saúde Pública, docente e pesquisadora da UFPE.

4 Doutora em Saúde Pública, docente e pesquisadora da FIOCRUZ/PE.

5 Doutor em Geografia, docente do IFEPE.

## Na acção o futuro pode interferir com o presente? A prudência como condição da razão prática no pensamento de Thomas Nagel

---

A forma como nos relacionamos com o tempo não é separável das considerações ontológicas, metafísicas e praxeológicas que sobre ele tivermos. Tentar perceber como podemos actuar no tempo em que vivemos depende, em parte, desta reflexão acerca da nossa relação com o(s) tempo(s) (passado, presente e futuro). O problema conceptual pode sintetizar-se nesta questão: as razões que possamos ter para fazer algo no futuro podem interferir com as razões que temos para fazer algo no presente? (Se a seta do tempo parece apontar do passado para o futuro não será um contra-senso imaginar a direcção contrária (do futuro para o presente)?). O nosso texto visa, tão só, analisar a prudência e as restrições que esta cria no domínio da razão prática (razões que conduzem à acção). Isto porque, a prudência depende da nossa identidade no tempo e da capacidade de reconhecermos as razões para agir como temporalmente neutras (ou intemporais). Isto é, razões cuja pertinência não depende da sua flexão temporal (dos diferentes tempos aos quais se ligam).

A sustentabilidade do planeta, por exemplo, depende de uma análise, prévia, que tente compreender de que modo estamos ligado ao futuro. Só poderemos convencer, a nós e aos outros, que a sustentabilidade é possível se estabelecermos uma relação íntima entre o presente e o futuro. A proposta de Thomas Nagel, que nos propomos discutir, é de que essa ligação é de teor metafísico (a metafísica da pessoa – em que a consciência de que persistimos no tempo levantará restrições prudenciais). Contudo, se o indivíduo é igualmente real em todas as etapas da sua vida, o que diferencia essas etapas do momento actual? Se o presente não tem um estatuto especial, pode o futuro ter o mesmo estatuto que o presente? Como lidar com o facto de o futuro ser contingente?

---

**Palavras-chave:** tempo, prudência, razão prática, Sustentabilidade.

---

<sup>6</sup> Licenciado em filosofia, no ano de 2010, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com o texto final: «De Unione Naturae: Homem como officina de Deus no nfilosofema da Natureza». Mestre em ensino da filosofia, no ano de 2012, pela mesma instituição, com o texto final: «Um dos desafios da filosofia: acerca do sentido da vida e do seu ensino». Colaborou, no ano de 2011, na «II Oficina do Grupo de Filosofia Antiga e Medieval do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa», com a comunicação intitulada «Palavra do Homem, Silêncio de Deus. De Magistro de Santo Agostinho e a Linguagem» (Cf. *Philosophica*, 39 (2012)). Colaborou, no presente ano, no projecto «Vieira Global» levado a cabo pelo CLEPL. Hodiernamente, no mesmo Centro, colabora no projecto Aprender Madeira (Dicionário Enciclopédico da Madeira).

## À Margem. Rios e competitividade urbana global: a perspetiva do Mondego

---

The river serves as a metaphor for a broader process.  
(Stéphanie Canstonguay)

Segundo Fortuna (2013), “a zona do Mondego é um dos recursos mais escandalosamente desaproveitados da cidade”. Esta questão tem similitudes com o que se passa ao nível dos Estados Unidos ou de vários países na Europa mas o Mondego, enquanto rio urbano, apresenta-se como um caso que reúne características “sui generis”, que o diferencia de outros rios do mundo. Na verdade, um rio é uma metáfora para falarmos das suas margens, uma base para a questão central da cidade. O que se projeta para fora do objeto empírico do estudo de caso são, na verdade, os sintomas da competição urbana da atualidade.

As cidades contemporâneas estão integradas num complexo processo de competição para se apresentarem como “melhores” sob os mais diversos pontos de vista, uma vez que tal se poderá refletir numa maior capacidade de atração de moradores, investidores e turistas. Para enfrentar este ambiente competitivo voraz, é necessário que as cidades se posicionem de acordo com seu potencial, da forma mais original, criativa e inovadora possível. Neste contexto, o rio urbano é exemplo de um recurso valioso para concorrer na economia global, que pode ser utilizado para alcançar uma visibilidade de destaque, nomeadamente na indústria turística, tida como uma das maiores fontes de receita que uma cidade pode ter atualmente.

Neste sentido, considera-se que a análise deste estudo de caso pode constituir um “add up” à discussão sobre rios urbanos do ponto de vista académico, a partir de uma cidade como Coimbra, que necessita desesperadamente de soluções novas e criativas para o seu rio. Ao negligenciar o rio na sua estratégia de marketing, corre Coimbra o risco de se periferizar no contexto da competição urbana global, ficando, irremediavelmente, “à margem”?

---

**Palavras-chave:** rios urbanos, sustentabilidade, identidade, globalização.

---

<sup>7</sup> Licenciada em Turismo e Lazer, pós-graduada em História da Arte, Património e Turismo Cultural e aluna do Doutoramento em Sociologia - Cidades e Culturas Urbanas, sob orientação do Professor Doutor Carlos Fortuna. Em 2012, apresentou uma comunicação intitulada “A Longitude das Palavras – Escrita de viagens: entre a realidade e a representação”, inserida no ciclo de conferências Routes and Roots: Identity and Cultural Exchange in Travel and Tourism, organizado pelo Grupo de Investigação de Estudos Culturais do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro. No mesmo ano, realizou uma apresentação em poster do seu projeto hPLUS – Inovação no Turismo Histórico, inserida na Conferência Internacional INVTUR - O turismo em tempos de mudança: Conhecimento e práticas na construção de um novo rumo para o sector, organizada pela Universidade de Aveiro. Os seus interesses de investigação focam-se nos domínios do turismo cultural, património imaterial, identidade e imagens das cidades.